

Catarina Leitão apresenta individual no Centro de Arte Moderna.

Paisagem self-service

Luísa Soares de Oliveira

Na Galeria de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna (CAM), Catarina Leitão montou uma exposição feita de peças em feltro e desenhos. As peças tridimensionais, que se espalham pelo chão como esculturas ou se encostam à parede como pinturas, declinam, nas cores dos camuflados militares, objectos relacionados com o arquétipo da paisagem. Catarina Leitão não tenta, contudo, realizar a reprodução da natureza, na linhagem de um processo que teve o seu início no século XVII e que ainda se prolonga pelos dias de hoje. O seu trabalho é outro: o de acrescentar a fantasia e a marca autoral a uma contemporaneidade urbana que procura não perder o último contacto com essa mesma natureza.

Numa anterior exposição no Sintra Museu de Arte Moderna, em 2001, a artista mostrava uma série de tendas pintadas de cores diversas, algumas das quais possuíam uma instalação sonora que podia, por exemplo, transmitir cantos de pássaros ou o barulho da rebentação do mar. Aí, Catarina Leitão trabalhava a questão do espaço habitado, de um possível quociente mínimo de expectativas e sonhos que

pode ser satisfeito num espaço tão exiguo como o de uma tenda. Obviamente, pela escolha dos sons reproduzidos, pelas tonalidades que cada tenda ostentava, a relação perdida com a natureza já era também enunciada. Mas é nesta exposição no CAM que a autora se debruça com maior detalhe sobre ela.

Nas paredes, as peças encostadas ou fixas indicam uma floresta e um céu azul pontuado de nuvens pequenas. No espaço da sala, as peças expostas deslocam formas relacionáveis com a domesticidade suburbana e o modelo de natureza selvagem, inacessível à maioria e hostil a que ninguém, nesses mesmos subúrbios, tem acesso. Em “*Ida ao campo*”, por exemplo, uma poltrona verde e um televisor igualmente verde dispõem-se sobre uma alcatifa da mesma cor. Mas o ecrã do televisor foi substituído por formas vegetais amontoadas dentro da caixa, ao passo que “*naperons*” e outros adereços de classe média se transformaram em folhas gigantes nas costas da poltrona. O deslocamento e a associação são, nesta peça como noutras, os dois mecanismos de que a artista se serve para a construção da sua obra.

Mais longe, um casaco enorme, pendurado do tecto, abriga um banquinho rodeado de mias



formas vegetalistas. “*Jardim privado*” — assim se chama a peça — retoma as questões enunciadas na série das tendas, mas acrescenta-lhes significado ao indicar explicitamente a ausência de um corpo. Outras peças, como um “*Colchão portátil*”, sublinham esta ideia.

Num belíssimo texto que apresenta a exposição, Leonor Nazaré fala da perda da relação com a natureza que, nas grandes cidades, a ausência da necessidade de caminhar a pé provocou. Há incontáveis referências actuais a este tema que não é possível aqui referir. Mas talvez o mais importante seja a constatação irónica que Catarina Leitão faz desse facto. Domesticada, inócua (coisa que a natureza nunca foi enquanto a ruralidade predominou no ocidente) a natu-

reza, tal como Catarina Leitão a traduz, é equivalente à que qualquer supermercado invoca no respectivo departamento de flores em vasos. Ou, ainda, à que é possível ver da janela do carro em qualquer grande auto-estrada, ou do autocarro de turismo numa viagem servida por um operador turístico. A ilusão que a artista mantém conscientemente é a de que tudo pode ser visto, consumido e trazido para casa. Tal e qual como, afinal, uma obra de arte. •

“Natureza domesticada”

LISBOA, Galeria de Exposições Temporárias. CAMJAP.

R. Dr. Nicolau de Bettencourt. De 3^a a domingo, das 10h às 18h. Até 15 de Setembro.